



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBAL – TDA
FACULDADE DE ITAITUBA – FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

ANNANDA MELO DE MENEZES

**LINGUÍSTICA FORENSE: um olhar analítico para os episódios da
série Manhunt Unabomber**

Itaituba – PA

2019

ANNANDA MELO DE MENEZES

**LINGUÍSTICA FORENSE: um olhar analítico para os episódios da
série Manhunt Unabomber**

Trabalho de conclusão de Curso (TCC)
apresentado à faculdade de Itaituba para obtenção
do título em Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Prof.^a Mara Aparecida Pereira do
Nascimento.

Itaituba – PA

2019

MENEZES, Annanda Melo de. Linguística Forense: um olhar analítico para os episódios da série Manhunt Unabomber. / Itaituba – PA /. Annanda Melo de Menezes. Itaituba: FAI, 2019.

47 f.

Orientadora: Mara Aparecida Pereira do Nascimento.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Itaituba, 2019.

1. Letras. 2. Linguística. 3. Forense. 4. Série. 5. Manhunt Unabomber. I. Nascimento, Mara Aparecida Pereira do. II. Faculdade de Itaituba. Itaituba, BR – PA, 2019.

ANNANDA MELO DE MENEZES

**LINGUÍSTICA FORENSE: um olhar analítico para os episódios da
série Manhunt Unabomber**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Itaituba para obtenção do título de
Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Prof.^a Mara Aparecida Pereira do
Nascimento.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: _____ Nota: _____
Prof.^a Mara Aparecida Pereira do Nascimento.

Avaliadora : _____ Nota: _____
Prof.^a Raimunda Bentes.

Avaliadora : _____ Nota: _____
Prof.^a Walbea Lucia Lobato Martins.

Resultado: Aprovada. Nota: _____

Data: 28 de março de 2019.

Dedico esse trabalho a todos os professores do curso de Letras da Faculdade de Itaituba (FAI), pois foram igualmente importantes para a minha vida acadêmica e para o desenvolvimento desta monografia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado sabedoria para concluir esse curso. Sempre soube que não seria fácil mas nos momentos difíceis dessa jornada o Senhor foi meu guia e me deu forças juntamente com minha família, amigos e professores.

A todos os meus professores pela dedicação e por terem repassado a mim os seus conhecimentos ao decorrer desses 4 anos, em especial a minha orientadora professora Mara Nascimento por ter aceitado esse desafio de me orientar e ter sido sempre tão prestativa me tirando dúvidas.

A minha família, por todo apoio, em especial, a minha falecida avó, Alda Melo, sei que lá do céu ela se orgulha muito de ter mais uma neta formada.

Aos meus pais, a minha mãe guerreira Ana Maria por todo amor, fé, paciência, incentivo e ao meu pai Wellington pelo apoio.

A minha Tia Mirian Melo, prima Kelma Cruz e o João Pedro que são um pedaço do meu coração, que vivem longe mas que nunca deixaram de torcer pelo meu sucesso

Ao meu namorado Thiago Lima, que chegou no final dessa jornada não mediu esforços para me ajudar no que fosse necessário.

Aos meus colegas de faculdade que conviveram comigo durante esse tempo e tornaram meus dias mais alegres dentro da instituição, alguns serão inesquecíveis.

“A magia da linguagem é o mais perigoso dos encantos.”

Edward Bulwer-Lytton.

RESUMO

O curso de Letras tem como perspectiva formar profissionais com sólidos conhecimentos linguísticos, nesse sentido, aponta-se para Linguística Forense, qual envolve a aplicação de técnicas e métodos de análise linguística em casos de investigação policial, processos judiciais e comissões de ética; identificando falantes com base em determinada variante linguística e em estilo idioletal, traçando perfis linguísticos; analisando discursos jurídicos e textos de natureza forense em contextos multilíngues. Objetiva-se identificar a atuação da Linguística Forense nos episódios da série da Netflix, Manhunt Unabomber, buscar conhecimentos gerais quanto à Linguística Forense, e, compreender as possibilidades de análise linguística no âmbito da Linguística Forense e como se realizam na prática da atuação profissional, bem como, obter informações quanto a capacitação para um letrado adentrar nesse campo profissional. A metodologia utilizada compreende pesquisa bibliográfica a Azzariti (2014), Colares (2016), entre outros, de natureza básica com abordagem qualitativa, e, documental devido ao seu objeto de estudo peculiar. Conclui-se que a carreira profissional para quem faz Letras tem uma diversidade de áreas de atuação, com possibilidades que vão além do óbvio, ou seja, o graduado em Letras na sala de aula, se fazendo necessário uma visão mais empreendedora, que reflita que o campo de atuação para esse profissional é muito mais amplo para exercer suas habilidades. Nesse sentido, a Linguística Forense é um campo de trabalho ainda não tão explorado que pode figurar como possibilidade de atuação para o letrado, isso com uma devida especialização (pós-graduação), ou mesmo algum curso livre ou técnico, podendo atuar no campo jurídico, analisando Linguisticamente, por exemplo, chamadas de emergência, pedidos de resgate, comunicações de ameaça, bilhetes de suicídio, cartas anônimas, verificação de plágio e toda linguagem de textos jurídicos como, testamentos, sentenças e estatutos, entre outras atribuições inerentes.

Palavras-chave: Letras. Linguística. Forense. Série. Manhunt Unabomber.

ABSTRACT

The course of Literature has as a perspective, to train professionals with solid linguistic knowledge, in this sense, points to Forensic Linguistics is aimed at Forensic Linguistics. It which involves the application of techniques and methods of linguistic analysis in cases of police investigation, judicial processes and ethics commissions; identifying speakers based on a certain linguistic variant and in idiolectal style, tracing linguistic profiles; analyzing legal discourses and forensic texts in multilingual contexts. The aim of this work is to identify the performance of Forensic Linguistics in the episodes of the Netflix series Manhunt: Unabomber, to seek general knowledge about Forensic Linguistics. It is concluded that the professional career and to understand the possibilities of linguistic analysis in Forensic Linguistics and how they are performed in professional practice , as well as to obtain information on the qualification for a lawyer to enter this professional field. The methodology used includes bibliographic research to Azzariti (2014), Colares (2016), among others, of a basic nature with qualitative approach, and, documentary due to its peculiar object of study. It is concluded that the professional career for the one who makes Course of Literature. has a diversity of areas of action, with possibilities that go beyond the obvious, that is, the graduated in Course of Literature in the classroom, needing a more entrepreneurial vision, reflecting that the field of action for this professional is much broader to exercise their skills. In this sense, Forensic Linguistics is a field of work not yet explored. It can appear as a possibility of acting for the lawyer, this with a specialization (postgraduate), or even some free or technical course, being able to act in the legal field. Linguistically analyzing, for example, emergency calls, redemption requests, threat communications, suicide tickets, anonymous letters, verification of plagiarism and any language of legal texts such as wills, judgments and statutes, among other inherent assignments.

Keywords: Course of Literature. Linguistics. Forensic. Series. Manhunt. Unabomber.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
2.1 A LINGUÍSTICA E SUAS RAMIFICAÇÕES	11
2.2 LINGUÍSTICA FORENSE: ASPECTOS CONCEITUAIS E HISTÓRICOS	14
2.3 A ATUAÇÃO PROFISSIONAL DE UM LINGUISTA FORENSE.....	18
2.4 ÁREAS E SUBÁREAS DA LINGUÍSTICA FORENSE.....	19
2.5 INVESTIGAÇÕES CRIMINAIS E A CONTRIBUIÇÃO DA LINGUÍSTICA FORENSE	21
3 METODOLOGIA	26
3.1 PROCEDIMENTOS GERAIS	26
3.2 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	27
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	28
4.1 A SÉRIE MANHUNT UNABOMBER: UM OLHAR DA LINGUÍSTICA FORENSE	28
5 CONCLUSÃO	43
REFERÊNCIAS.....	44

1 INTRODUÇÃO

O curso de Letras tem como perspectiva formar profissionais com sólidos conhecimentos linguísticos, capazes de compreender, diagnosticar e intermediar processos comunicativos. O graduado em **Letras** dedica-se ao estudo da **língua portuguesa** e de **idiomas estrangeiros** e suas respectivas **literaturas**. Ele pesquisa e ensina português, inglês, espanhol ou outro idioma e sua literatura. Em geral, especializa-se em uma língua moderna, como inglês, espanhol, francesa e alemã, mas também pode se dedicar a línguas clássicas, como latim e grego. Também há espaço em **editoras**, para fazer revisão e tradução de textos, como também, áreas de interpretação e secretariado bilíngue.

De maneira geral para o **licenciado**, o principal campo de trabalho está nas **escolas** de ensinos Fundamental e Médio ou de idiomas e seu perfil compreende atuações que envolvam a leitura, a escrita, o trabalho com idiomas estrangeiros, mediante capacitação específica, bem como, para a docência, campo já bastante saturado, pelo menos no município de Itaituba.

Nesse sentido, aponta-se para Linguística Forense, qual envolve a aplicação de técnicas e métodos de análise linguística em casos de investigação policial, processos judiciais e comissões de ética, identificando falantes com base em padrões específicos de uso de linguagem (vocabulário, colocações, pronuncia, ortografia, estilo idioletal, traçando assim perfis linguísticos e analisando discursos jurídicos).

Mediante o exposto, esse estudo objetiva geral e especificamente, identificar analiticamente de que forma a Linguística Forense atuou nos episódios da série da Netflix, Manhunt Unabomber, buscar conhecimentos gerais quanto à Linguística Forense, no que concerne a sua definição e trajetória histórica evolutiva, compreender quais são as possibilidades de análise linguística no âmbito da Linguística Forense e como se realizam na prática da atuação profissional, bem como, obter informações quanto aos possíveis caminhos da capacitação para um letrado adentrar ao campo profissional da Linguística Forense.

Devido a esse vasto mercado de trabalho ainda não explorado surgiram algumas questões norteadoras que ajudarão a organizar a pesquisa: Qual o conceito e o transcorrer histórico geral da Linguística Forense? Quem é o perito em Linguística Forense, no que se refere a sua capacitação? Quais os saberes sobre o

funcionamento das práticas languageiras podem ser apreendidos por esses profissionais? Quais os aspectos relacionados à realidade prática do profissional que atua como perito em linguagem nos tribunais? Quais são os instrumentos de que esse profissional dispõe para atender a tais demandas?

O cronograma de atividades para elaboração e concretização desse Trabalho de Conclusão de Curso transcorreu no período de fevereiro de 2018 a fevereiro de 2019, compreendendo a escolha do tema, Revisão bibliográfica, elaboração entrega do projeto, coleta de dados pelo procedimento técnico da pesquisa documental, análise dos dados, redação final da monografia, elaboração do slide para a apresentação Entrega da Monografia para protocolo na instituição, apresentação para banca examinadora finalizando-se o processo com a correção pós-banca.

Essa monografia está estruturada da seguinte maneira: a introdução que levanta a problemática e apresenta a relevância da pesquisa e os objetivos propostos, bem como, as questões que orientam essa atividade de cunho científico. A fundamentação teórica apresenta a Linguística forense no que tange aos seus aspectos conceituais e transcorrer histórico, sua área de abrangência, os saberes e instrumentos e funcionamento da prática, como também, quanto à capacitação necessária.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A LINGUÍSTICA E SUAS RAMIFICAÇÕES

A Linguística Forense é um dos ramos da Linguística, portanto, é mister trazer um breve apanhado sobre essa ciência *mater* e alguns de seus frutos. A Linguística é a ciência que se ocupa em estudar as características da linguagem humana e o suíço Ferdinand Saussure é considerado o pai da Linguística Moderna devido sua imensa contribuição por conta de seus estudos sobre a língua e a fala.

Para **Saussure** a **linguagem** é social e individual, psíquica, psico-fisiológica e física. Afirma que há fusão de língua e fala, que a Língua é definida como a parte social da linguagem e que só um indivíduo não é capaz de mudá-la. Continua o linguista esclarecendo que a língua é um sistema supra individual utilizado como meio de comunicação entre os membros de uma comunidade, correspondendo à parte essencial da linguagem e o indivíduo.

Conforme esclarece Viotti (2008) um linguista é responsável por investigar e analisar toda a evolução e desdobramentos dos diferentes idiomas, bem como, a estrutura das palavras, bem como, de que forma os seres humanos produzem e ouvem os sons da fala. Ressaltando-se que todo falante é capaz de fazer julgamentos sobre a sua língua materna, a língua adquirida de forma natural, através da interação com o meio envolvente, sem intervenção pedagógica e sem uma reflexão linguística consciente.

A Linguística é dividida em diferentes áreas de estudo, tais como Fonética, Fonologia, Morfologia, Sintaxe, Lexicologia, Semântica, Estilística, Pragmática, Filologia, Linguística Histórica, Linguística Aplicada, Linguística Cognitiva, Sociolinguística, entre outras, das quais Seara (2011) conceitua:

Fonética e Fonologia – a Fonética estuda os sons da fala, ou seja dedica-se ao estudo articulatorio e acústico da fala. A Fonologia analisa os fonemas e estuda a categorização de sons em línguas específicas e os aspectos relacionados com a percepção.

Morfologia, Sintaxe - trata da formação, classificação, estrutura e flexões das palavras, considerando-se palavra uma unidade linguística de som e significado que entra na composição dos enunciados da língua. A **Sintaxe** se importa com relação das palavras com outras orações, com as frases, considerando-se frase

como a sequência de palavras sintaticamente organizadas, o que, segundo Cegalla (1998) é todo enunciado capaz de transmitir, a quem nos ouve ou lê, tudo o que pensamos, queremos ou sentimos. Pode revestir as mais variadas formas, desde a simples palavra até o período complexo, elaborado segundo os padrões sintáticos do idioma.

A **Lexicologia** compila o conjunto de palavras de um idioma. Segundo Oliveira e Isquerdo (1998) é a área da Linguística que se dedica ao estudo do léxico e de sua organização. O objeto principal de estudo da lexicologia é a palavra, é por meio dela que criamos frases e textos, enfim, efetuamos a escrita. O léxico situa-se numa intersecção linguística que absorve informações advindas de caminhos diversos, ou seja, da fonética e da fonologia; da semântica; da morfologia; da sintaxe e das situações comunicativas.

Semântica e Estilística - a Semântica dedica-se a observação da significação das palavras, ao estudo do significado, isto é, a relação entre os significantes (palavras, sinais, frases e símbolos) e o que representam, enquanto que a Estilística observa os recursos para tornar a escrita mais elegante ou expressiva, complementa os estudos da linguagem focando na função dos discursos através dos recursos linguísticos (HENRIQUES, 2009).

Existem, pois, os seguintes campos da Estilística: Estilística fônica; Estilística morfológica; Estilística sintática; Estilística semântica. Para auxiliar na organização das palavras, tanto na linguagem escrita como na linguagem oral, a Estilística ocupa-se do estudo dos elementos expressivos, abarcando assim a conceitualização e os diversos usos das figuras, vícios e funções de linguagem.

Pragmática - segundo Crystal (1985), é o estudo da linguagem do ponto de vista de seus usuários, suas escolhas, restrições, interações sociais, efeitos do uso da linguagem, no ato da comunicação. De modo geral, a pragmática observa a fala usada na comunicação cotidiana.

Filologia - A Filologia estuda a língua através de documentos e escritos antigos. Esclarece Muller (2010) que essa ciência estuda as sociedades e civilizações antigas através de documentos e textos por meio da escrita (textos, documentos), bem como, origem e desenvolvimento de uma língua ou de famílias de línguas.

Linguística histórica - é também chamada de linguística diacrônica, e, segundo Faraco (2005) diz respeito as orientações teóricas quanto a interpretação

dos fenômenos de mudança sofridas por uma língua ao longo do tempo, verificando seu desenvolvimento, influências e causas das alterações sofridas. Por exemplo, o desaparecimento das diversas línguas indígenas que eram faladas antes da chegada dos portugueses quando houve uma drástica redução das mesmas no Brasil devido o processo *etnocida e glotocida*.

Linguística Aplicada - partindo de Moita (2006) a Linguística aplicada é o uso desta ciência diretamente no aperfeiçoamento da comunicação humana, como exemplo de sua atuação, o método de ensino de idiomas, pois todo o conhecimento acerca das definições linguísticas de determinada língua é orientada para o aprendizado.

A linguística Aplicada entende a linguagem como essencial para mudar o modo como as pessoas vivem e compreendem a si mesmas e o mundo. A partir dessa consideração, o foco é justamente investigar sobre a relação da linguagem e os contextos de ação humana, como a linguagem é utilizada nos mais diversos grupos sociais, por exemplo, nas salas de aula, na propaganda comercial e política, nos tribunais de justiça.

A Linguística Cognitiva - de maneira geral, engloba os estudos da Linguística, e considerando a linguagem como parte integrante de fatores culturais, psicológicos, funcionais e comunicativos dos seres humanos. Conforme Silva (1997), é uma abordagem da linguagem considerando a experiência humana no que tange as manifestações de capacidades cognitivas e da experiência cultural, social e individual, tendo como interesse, por exemplo, polissemia, modelos cognitivos, metáfora e imagens mentais), interface entre sintaxe e semântica e a base pragmática, ou seja, ligada à experiência da linguagem no uso e a relação entre linguagem e pensamento.

Sociolinguística - é uma das vertentes da Linguística que estuda as relações entre língua e sociedade, analisando o comportamento linguístico dos membros de uma comunidade e de como esse comportamento é determinado pelas relações sociais, culturais e econômicas existentes.

Conforme Meillet (*apud* CALVET, 2002, p. 16) a língua, por ser um fato social resulta que linguística seja uma ciência social, “o único elemento variável ao qual se pode recorrer para dar conta da variação linguística é a mudança social”. Portanto a definição mais exata para Sociolinguística seria o estudo do uso social da língua. Por exemplo, quando uma pessoa mora em uma região do Brasil, vai falar de forma

diferente do que outra que reside em outra região. Essas formas podem envolver os traços que as condicionam, sendo sociais, regionais, históricos e culturais. Dentro desse termo, existem as suas classificações, que são dialeto, socioleto, idioleto e cronoletto.

A próxima sessão dessa fundamentação dedica-se a apresentar os aspectos etimológicos, conceituais e históricos da vertente da Ciência Linguística, tema desse Trabalho de Conclusão de Curso, ou seja, a Linguística Forense.

2.2 LINGUÍSTICA FORENSE: ASPECTOS CONCEITUAIS E HISTÓRICOS

A Linguística Forense se define como o encontro entre Linguagem e a lei, ou seja, vale-se de áreas de investigação que estão relacionadas com a língua, o que compreende o uso forense de evidências periciais linguísticas em investigações ou julgamentos. Constitui-se como um campo interdisciplinar, na confluência da Linguística com o Direito, mas também com outras áreas, como a Psicologia, a Sociologia, a Antropologia e a Comunicação, para o auxílio da investigação policial, como prova pericial.

Segundo Gibbons (2014, p. 340) “houveram muitos estudiosos que trabalharam na linguagem da lei, incluindo alguns trabalhos notáveis no século XIX”, no entanto, para Coulthard e Johnson (2007) o surgimento e desenvolvimento da Linguística Forense aponta para uma prática profissional isolada, sem uma metodologia especificada e com publicações de resultados de forma esporádica e tímida.

A combinação dos termos língua e lei aparece em 1949, na publicação de “Língua e o Direito: a semântica do inglês forense”, de autoria de Philbrick e, em 1968, na publicação de “As Demonstrações Evans: um caso de Linguística Forense”, de autoria de Jan Svartvik.

Língua e o Direito: a semântica do inglês forense” mostra que as partes dubitadas de uma série de quatro confissões, que tinham sido entregues à polícia por um jovem chamado Timothy Evans, e que incriminou-o pelo assassinato de sua esposa e filha, refletia uma qualitativa e quantitativamente diferente do estilo das partes estilo gramatical indubitáveis dessas confissões (COULTHARD; JOHNSON, 2007, p. 7).

Segundo Gibbons (2014, p. 340) a mencionada publicação, "As Demonstrações Evans, relata um caso em que o Sr. Evans, acusado de ter assassinado esposa e filha, foi para prisão, mas, no tribunal, o Professor Svartvik provou com evidências do estilo gramatical utilizado no auto policial que o cometimento do crime não pertencia ao acusado, o que levou a absolvição do Sr. Evans.

No geral, o transcorrer histórico da Linguística Forense compreende as décadas de 1960, 70 e 80, mais precisamente nos Estados Unidos e Canadá, quando advogados, policial e outros do âmbito da investigação criminal requisitavam auxílio de linguistas.

Após o ano de 1963, afirma Gibbon (2014), a LF esfriou e suas pesquisas só voltaram a tona, entre final de 1980 e início de 1990, paralelamente, na Europa e nos Estados Unidos. Porém, o aumento da demanda por serviços da linguística e pelo profissionalismo empenhado do linguista, leva a mudanças desse quadro, isso, a partir dos anos de 1990, quando a linguística forense é considerada como uma nova área temática. Nesse interim, verifica-se aumento de publicações de textos, artigos e capítulos de livros, destacando-se em 1994, a primeira edição do *Jornal Internacional de Linguagem da Fala e do Direito*.

Em 1991, há a criação da Associação Internacional de Fonética forense, na Faculdade de St, John, New York, atualmente Associação Internacional de Fonética Forense e Acústica. Em 1992, surge a Associação Internacional de linguistas forenses da na Universidade de Birmingham.

Gibbon (2014), destaca a Associação Internacional de Linguistas Forense, fundada em 1993, na Inglaterra que possui membros provenientes de mundo inteiro e realiza congressos constantemente, inclusive, no ano de 2014, realizou, pela primeira vez, um congresso no continente africano, em Sfax, na Tunísia. Esta associação incentiva seus membros, conforme lista o autor supracitado:

- Ao Estudo da linguagem da lei, incluindo a linguagem de documentos legais, dos tribunais, da polícia e das prisões; uso de evidências linguísticas (fonológica, morfossintática, análise do discurso e pragmática) na análise de autoria e de plágio, na identificação do falante e na comparação de voz, de confissões, no perfilamento linguístico, na análise das notas de suicídio, dos avisos de produtos de consumo;

- Ao uso da linguagem como prova em processos cíveis (marca, disputas contratuais, difamação, responsabilidade do produto, práticas comerciais enganosas, violação de direitos autorais);
- A redução da desigualdade baseada em linguagem e desvantagem no sistema legal;
- Ao intercâmbio de ideias e informações entre as comunidades legais e linguísticas;
- A investigação sobre as práticas, melhoria e ética da prova pericial e apresentação de evidências linguísticas, bem como interpretação e tradução jurídica;
- A melhoria da compreensão do público sobre a interação entre a linguagem e a lei. (IAFL, 2015).

Na referida década (1990), houve reflexão quanto a uma metodologia que fosse internacionalmente aceita e utilizada. Segundo Coulthard e Johnson (2007), na atualidade, visto que cada caso de especialização envolve um contexto de pesquisa diferente, o estado metodológico envolve a experimentação com textos do mundo real e a aplicação e avaliação de métodos aos textos reais de controle de caso forense, combinando as abordagens qualitativas e a quantitativas:

A abordagem qualitativa, baseada no conhecimento e experiência do linguista (auditivo na FAF); abordagens qualitativas / quantitativas, utilizando linguística de corpus e outras em DAA; estatística quantitativa, a partir da análise acústica na FAF, a análise do Razão de Verossimilhança na FAF e no DAA. Internacionalmente e na Espanha, existem laboratórios que combinam as duas abordagens, mas outros que usam abordagens estritamente qualitativas ou se baseiam em abordagens automáticas para o reconhecimento de voz (COULTHARD e JOHNSON, 2007, p. 9).

A partir dos anos 2000, a Linguística forense se consolida, o que pode ser observado pelas informações de Coulthard e Johnson (2007):

- Décimo oitavo Congresso Internacional (Cambridge - Reino Unido), em 2009, Nono Congresso Internacional - Conferência Bienal 13 em Linguística Forense/linguagem e a Lei (Cidade do Porto, em 2017), a criação de laboratórios forenses de linguística e fonética forense e acústica, tanto institucionais como governamentais, alguns deles relacionados com os órgãos

de segurança do Estado, publicação de volumes monográficos, volumes coletivos, introduções à disciplina e livros didáticos em Linguística Forense, oferta de cursos de curta duração especializados Linguística Forense, destacando-se na Universidade Hofstra, Universidade de New York e na Espanha, Universidade Autónoma de Madrid, oferta de cursos de pós-graduação Mestrado especializado em Linguística Forense, citando-se a Universidade de Cardiff, Universidade Aston, no Reino Unido e na Universidade Pompeu, na Espanha.

Do ponto de vista de Caldas-Coulthard (2014, p. 1), advinda dos estudos discursivos em contextos profissionais, a Linguística Forense é uma disciplina acadêmica recém-criada, muito atuante em países de língua inglesa. “Associação Internacional de Linguistas Forenses, fundada em 1993 na Grã-Bretanha, demonstra a importância da área, tendo mais de 300 membros entre acadêmicos, advogados e policiais”.

Conforme Gibbons (2014) na atualidade a Linguística Forense tem crescido aceleradamente, observando-se muitas realizações de congressos, seminários, colóquios e outros eventos de carácter científico para discutir avanços e para compartilhar experiências.

FSI (*Ciência Forense Investigações*) forma peritos em análise de interrogatórios, depoimentos e confissões, através da constante especialização, atualização e pesquisa. No Brasil, informa Fröhlich (2016), a área é relativamente jovem, mas vem ganhando notoriedade através de pesquisas acadêmicas da Universidade de Santa Catarina (UFSC) e da Universidade de Campinas (UNICAMP). Tem atuado em certos casos particulares de atribuição de autoria mas, segundo a autora, “o próximo passo é a sua aceitação como prova/evidência em tribunais”.

Em suma, dentro dos estudos da linguagem, a Linguística Forense se firma como uma nova área possível para profissionais de nível superior nas áreas de Letras, Linguística, Fonoaudiologia, Peritos Criminais, Direito, Tradutores Público, Intérpretes Comerciais, Juramentados. Apesar de muitas áreas não reconhecerem a importância dos estudos linguísticos, pesquisas mostram como análises das relações humanas são realizadas através de sistemas semióticos, o que aponta para a possibilidade de atuação de um profissional da área de Letras.

2.3 A ATUAÇÃO PROFISSIONAL DE UM LINGUISTA FORENSE

Informam Coulthard e Johnson (2007) a linguística forense, no desenvolvimento de pesquisas e serviços de perícia, utiliza técnicas derivadas de novas tecnologias e estatísticas, no que concerne à conjunto de ferramentas computacionais e técnicas que permitem opiniões, ações. Também oferece aconselhamento científico e profissional para uso do Ministério Público, Polícia, empresas, bem como, a profissionais como juízes, advogados, psicólogos, médicos.

Azzariti; Deusdará e Rocha (2014, p. 2) listam como objetos de análise da linguística forense:

- Atribuição de autoria;
- O plágio;
- Os aspectos do discurso jurídico e sua tecnicidade; os traços do discurso político, abusivo, discriminatório;
- A interpretação e tradução jurídica;
- Os interrogatórios policiais e confissões;
- A detecção de fraudes textuais, marcas e propriedade intelectual;
- O perfil de testemunhas e jurados; as transcrições e a identificação de falantes.

Os linguistas forenses são requisitados para ajudar o judiciário a responder o que um dado texto diz e quem é o autor. Para tanto, se fundamentam nas técnicas de conhecimento derivadas de uma ou mais subáreas da Linguística Descritiva: Fonética e Fonoaudiologia, Lexicologia, Sintaxe, Semântica, Pragmática e Análise do Discurso e de Texto (COLARES, 2016).

De acordo com Azzarati; Deusdará e Rocha (2014) o perito é o profissional capacitado, isso por meio de conhecimentos técnicos e científicos. Pode ser nomeado pelo juiz para a realização de uma perícia, nesse caso, de um linguista forense, envolvendo a comunicação oral ou escrita, atua no Tribunal de Justiça, nas varas de família, cível, trabalhista, empresarial e criminal. Pode trabalhar como tradutores públicos e intérpretes comerciais, juramentados. Em Instituições Policiais, na orientação, treinamento e capacitação de investigadores e negociadores, analisando depoimentos e exames periciais que instruem inquéritos. No Ministério

Público, atua na assessoria à Promotoria de Justiça. Como Profissional autônomo na atuação como assistente técnico judicial.

Segundo Caldas-Coulthard (2014) este analista examina as complicações introduzidas na interação, devido à natureza sensível do crime, quando, por exemplo, uma das participantes é uma testemunha vulnerável (menores de idade, vítimas em processos de violência ou participantes com dificuldades mentais, etc.) ou ainda quando um/a das interagentes não é um falante nativo.

2.4 ÁREAS E SUBÁREAS DA LINGUÍSTICA FORENSE

As principais áreas de atuação de um linguista forense são a linguagem jurídica e legal (Língua do Direito), a linguagem de processos judiciais (Língua do Processo Legal) e linguagem probatória ou probativa (Linguagem como Evidência) (COULTHARD e JOHNSON, 2007).

Segundo Caldas-Coulthard (2014), a Linguista Forense pode ser subdividida em três **subáreas**: a Linguagem Escrita do Direito, a Interação em Contextos Legais e a **Linguagem como Evidência, uma ramificação da Análise Crítica do Discurso**.

Os autores supracitados esclarecem que a atuação dos linguistas forenses na área da linguagem jurídica e judicial, a linguagem da lei, envolve: análise da linguagem administrativa e jurídica, incluindo, atenção quanto as renovações da redação jurídica e suas tradições discursivas existentes, de acordo com os sistemas jurídicos do Direito Civil e do Direito Comum. Na linguagem jurídica, por meio do saber linguístico, compete ao profissional linguista: a pesquisa, o exame e a verificação acerca da verdade ou da realidade de certos fatos (AZZARATI; DEUSDARÁ, ROCHA, 2014).

A prática desta atuação implica estudo dos contratos, estatutos, leis, instruções do júri, ordens de restrição e outros textos usados na esfera judicial, com vistas a possível ambiguidade ou alteração de textos oficiais públicos ou privados, como de companhias de seguros, por exemplo.

A atuação de um linguista forense no que tange à linguagem em processos judiciais compreende a análise do discurso em contextos de interrogatório policial, em um julgamento, em pedido de asilo político, entre outros.

No campo **da linguagem probatória ou probativa** este profissional, no uso de evidências linguísticas, compara textos orais e escritos, para os objetivos da prática forense com maior rigor e confiabilidade. Na área da linguagem probatório ou probativa deve-se notar, como sugerido Coulthard (2007) a posição relativa de diversas áreas de estudo.

No que diz respeito à **determinação / atribuição de autoria de textos escritos e a detecção de plágio**, observa-se que uma das áreas fundamentais nas Ciências Forenses é a análise de autoria de documentos suspeitos, não só os manuscritos, mas sobretudo os incluídos em comunicações eletrônicas. “A documentoscopia, que é a parte da criminalística que estuda os documentos para verificar se são autênticos e, em caso contrário, determinar a sua autoria” (MENDES, 2010, p. 1).

Conforme Marquilhas e Cardoso (2011) com a internet cresceu a facilidade de produção e divulgação de informação. Consequentemente, cresceu também a possibilidade de fraude envolvendo textos escritos.

O plágio é um problema no mundo científico atual e não só. Curiosamente muitos religiosos sabem proceder uma citação bíblica de forma coerente sem plagiar mesmo sendo analfabetos na maioria dos casos. Por que isso acontece? É que as técnicas de citação podem ser aprendida. Quando este aspecto não fica claro, incorre-se o risco de se plagiar constantemente. Portanto, o plágio consiste em apresentar como suas palavras, ideias, dados, obras de arte ou designs de outra pessoa (...) sem indicar o verdadeiro autor (COUGHLIN, 2005, p. 3).

Plágio é o ato de publicar ou divulgar uma obra literária, científica ou artística de outra pessoa sem o devido crédito, que podem ser teses, artigos de revistas, composições musicais; obras cinematográficas e audiovisuais; projetos, planos, modelos de obras arquitetônicas ou de engenharia; programas e bases de dados; páginas da web e obras multimídia. Ressalta-se no campo acadêmico as cópias de tarefas escolares e trabalhos de pesquisa. O plágio pode ser Integral, quando é cópia de um trabalho inteiro, sem citar a fonte, parcial, uma colagem resultante da seleção de parágrafos ou frases de um ou diversos autores.

“A polícia deve estar preparada para lidar com este tipo de crime, pois se de trata de uma violação dos direitos do autor” (TIMBANE, 2016, p. 36). Neste sentido, a investigação em linguística forense precisa de cada vez mais de contribuições interdisciplinares.

Para apoiar a acusação de plágio, o trabalho do linguista forense consiste em confrontar o texto original com o texto que se suspeito, por meio de várias ferramentas computacionais que permitem a detecção automática do plágio, tanto de uma obra de uma obra completa ou de uma sentença.

Um linguista precisa ter o conhecimento dos aspectos legais envolvidos na prática forense, conhecendo se o campo nos aspectos históricos, teóricos e técnicos e as áreas de atuação. O profissional irá sistematizar sua prática para poder aplicar aos conhecimentos o saber jurídico a interação com o campo do saber da linguística. De acordo com Caldas-Coulthard (2014, p. 3) “nessa área de estudo e análise, especialistas forenses concentram-se na linguagem oral das interações jurídicas (em fóruns, em delegacias de polícia, em entrevistas, entre outros contextos”.

No universo jurídico, são muitos os gêneros discursivos ou tipos textuais e a análise desses é de suprema importância para o entendimento do que se passa entre participantes em um discurso. “Linguistas forenses podem instruir profissionais legais na maneira como distinguir gêneros discursivos, assim como guiá-los/as na simplificação de textos inacessíveis aos/às envolvidos/as no processo jurídico” (CALDAS-COULTHARD, 2014 p. 3).

São as atribuições de autoria para cartas anônimas ou de suicídio, comentam Marquilhas e Cardoso (2011, p. 418) A linguística já desenvolveu uma série de disciplinas que podem apoiar a investigação destas fraudes. “Trata-se agora de articular os axiomas de cada uma delas e de problematizar a forma como eles se complementam no contexto deste desafio”.

Também são objetos de estudo da LF os aspectos do discurso jurídico e sua tecnicidade, os traços do discurso político, abusivo, discriminatório, a interpretação e tradução jurídica, os interrogatórios policiais e confissões, a detecção de fraudes textuais, marcas e propriedade intelectual, o perfil de testemunhas e jurados, as transcrições e a identificação de falantes.

2.5 INVESTIGAÇÕES CRIMINAIS E A CONTRIBUIÇÃO DA LINGUÍSTICA FORENSE

O Linguista Forense tem uma atuação diretamente pericial nas áreas de fonética forense (identificação de falantes); análise de conteúdo de sentenças e textos questionados nos tribunais, como rótulos, bulas de remédio e advertências;

tradução forense; nas esferas cível, família, trabalhista, criminal, bem como, ressaltando-se, perfilamento linguístico de suspeitos em caso de investigações criminais.

Retomando aos aspectos conceituais da Linguística Forense, observa-se que a unidade lexical forense é relativa aos tribunais e à justiça (jurídico, judiciário, judicial), e o termo “foro” é o local onde se processa a justiça (tribunal, juízo) (HOUAISS, 2009). O resultado etimológico lexical leva definição de Linguística Forense como a aplicação científica da linguagem em contextos criminais ou de direito.

Portanto, fica nítido porque a prática da Linguística Forense no Direito e na atividade policial é uma constante, em auxílio a Polícia de Investigação Criminal, qual tem a função de investigar os crimes, descobrindo seus autores, reunindo provas e indícios para encaminhamento ao juízo (SILVA, 2002).

Conforme Reis (2011) a perícia criminalística necessária para desvendar um caso criminal, “é uma pesquisa científica por excelência”, nesse sentido, se vale de métodos científicos e os métodos de investigação “são extraordinariamente variáveis em função das necessidades e do caso concreto, desde logo porque há diferentes competências, consoante os casos sujeitos a investigação estejam sob a alçada de uma ou mais entidades” , explica Oliveira (2008, p. 34).

Na solução de muitos casos criminais são convidados a participar das investigações especialistas de áreas diversas, como químicos forenses, biólogos forenses, físicos forenses, antropólogos forenses, sociólogos forenses, psicólogos forenses e os linguistas forenses. Teorias e práticas linguísticas têm levantado evidências em diversos casos criminais, o que Timbane (2016) informa, fornecendo os seguintes exemplo:

- O linguista forense, John Gibbons, contribuiu com seu parecer linguístico em mais de quarenta casos no tribunal em Hong Kong e na Austrália;
- John Olsson, mais de oitenta casos criminais na Austrália e em Singapura;
- Roger Shuy apresentou evidências criminais em mais de seiscentos casos, testemunhou como linguista forense cinquenta e quatro vezes em julgamentos criminais e civis, perante o Senado dos Estados Unidos e na

Câmara dos Deputados, em ensaios de impeachment de senadores e juízes Federais, bem como, em ensaios no Tribunal Penal Internacional.

Segundo o autor supracitado a Linguística Forense investiga a linguagem no processo penal, desde as diligências, a prisão do suspeito, buscando indícios, provas, interrogatório policial, e o julgamento até a sentença, visto que, a língua, tanto escrita como falada, se processa na mente, figura como uma “impressão digital”, pois a língua é um instrumento de identidade.

A sociolinguística, estudo do comportamento linguístico dos membros de uma comunidade, é determinado pelas relações sociais, culturais, econômicas, pode auxiliara na identificação da nacionalidade de um suspeito.

A língua é ao mesmo tempo cultura de um povo, de uma comunidade linguística. É na língua onde percebemos a pertença étnica do indivíduo através de marcas linguístico-culturais específicas. Estas marcas lexicais identificam a nacionalidade do falante, pois os empréstimos e os estrangeirismos são inseridos pela comunidade linguística concreta (TIMBANE, 2016, p. 42).

Criminosos podem ser apanhados após análises dos peritos forenses partindo dos seguintes indícios, entre outros: hábitos linguísticos, pois, a linguagem é expressa em marcas linguísticas, além do uso de sinais pontuação. A gramática de uma mensagem anônima, por exemplo, pode permitir averiguar idade e sexo, e a localização geográfica de seu autor pode transparecer pelas diferenças no uso das palavras, do vocabulário, de jargões e regionalismos.

A fonética forense contribui com subsídios para o esclarecimento de casos criminais. A fonética, preocupa-se com “a descrição dos fatos físicos que caracterizam Linguisticamente os sons da fala” e a Fonologia “faz a interpretação dos resultados apresentados pela fonética, em função dos sistemas de sons das línguas e dos modelos teóricos que existem para descrevê-los” (CAGLIARI, 2008, p. 18).

Segundo Cunha (2018), o jeito de escrever ou falar diz muito sobre uma pessoa, até mesmo sugerindo culpabilidade ou inocência de um crime, e a Linguística Forense atua auxiliando em investigações. Exemplifica comentando, que quando uma pessoa deixa uma carta comunicando que tirou a própria vida, é possível atestar a veracidade dessa carta analisando tecnicamente se a letra é a

mesma da pessoa, bem como seu discurso próprio, como também se o conteúdo faz sentido, apontará um caminho para investigar se houve suicídio realmente ou talvez se trata de um assassinato. Mas, o autor ressalta que não é possível condenar ninguém a partir da técnica, mas sim, na verdade são sugeridas evidências que tornam mais fácil chegar a uma resposta, a um culpado.

De acordo com Azzaratti (2015), um dos casos criminais mais chocantes dos últimos anos, diz respeito ao homicídio de um menino de três anos, em São Paulo. Especialistas interrogaram o suspeito por mais de 3 horas e apontaram elementos importantes para a acusação.

Foi solicitado um laudo elaborado a pedido da Polícia Civil que integra o processo sobre a morte do menino, apontando contradições entre o comportamento e as declarações feitas pelo padrasto da criança, principal suspeito do crime.

Segundo os especialistas, nos depoimentos gravados, o padrasto apresentou atitudes coordenadas, que caracteriza fala ensaiada ou treinada. Além disso, a análise demonstrou muitas ações de raiva, mesmo quando elogiou o enteado, o que reforça a tese da polícia de que o ciúmes que sentia do garoto foi um dos principais motivadores do crime.

O documento sobre a análise vocal do suspeito, assinado por analistas do Instituto Paulista de Estudos Bioéticos e Jurídicos (IPE) contendo, entre as 2,5 mil páginas, ainda em fase de audiências. Nas oitivas gravadas e analisadas pelos especialistas, o padrasto relata detalhes sobre a noite em que o menino desapareceu da casa da família e os procedimentos adotados após o sumiço.

O padrasto contou como era sua relação com o garoto e com sua mãe, também ré no caso. Um dos comportamentos que mais chamou a atenção dos avaliadores ocorreu quando o suspeito disse ter encontrado uma carta escrita pela mãe para o ex-marido, pai do menino, em um período em que ambos tentavam se reconciliar.

A declaração, inclusive, serviu de sustentação para a tese da polícia de que o padrasto sentia ciúmes do garoto. Observa-se o trecho: – *“aquele menino era tudo pra mim”* – indica incongruência entre a fala e a emoção, destacando que o comportamento era compatível com raiva. Observa-se o que disse em depoimento à Polícia Civil:

– *“Então tava escrito lá que oo, éé, que ela ti..., ela tava tentando fazer de tudo para dar certo, que ela nunca ia esquecer ele, e que J. era um pedacinho dele, tá. Vou ter sempre um pedacinho seu, que é o J. E por várias e diversas vezes eu brinquei com ela. Não briguei. Eu brinquei com ela. (...) provocando, sabe, mas não era briga ali, às vezes a*

gente entrava numa discussão, que eu acabava provocando ela, entendeu? Desse jeito. Mas, aquele menino era tudo pra mim”.

Em vários momentos, os especialistas também apontam contradições nas próprias falas do padrasto, que segundo o laudo, indicam característica de “comportamento dissimulado.” Um desses trechos explica aos investigadores que o garoto tinha capacidade de abrir a porta da casa sozinho, o que consta no laudo, com anotação feita pelos especialistas entre parênteses duplos. *“Eu nunca vi ele. Eu vi algumas vezes ((contraditório)). Não, ele conseguia, ele tinha prática. Não só nessa porta, como outras portas, ele aprendeu que tinha que girar a chave e abria”.*

O discurso do suspeito também apresenta contradições em relação à descrição dos fatos ocorridos na data do desaparecimento. Numa das ocasiões, um investigador pergunta se foi o padrasto quem fez a mamadeira para J. Na noite do sumiço e o mesmo confirma a informação, inclusive dando detalhes sobre o que colocou na mamadeira: *“Leite”*. O investigador reforça. *“Só leite?”* responde o réu. *“Só leite”*.

Doze minutos depois, o padrasto volta atrás e diz que não havia colocado somente leite na mamadeira. *“Na verdade acho que não foi só leite não, ele toma um achocolatado diet, achocolatado diet que tava no armário, tá? Não era só leite não. De vez em quando ele tomava só leite, mas nessa noite não foi só leite não”*.

Além do discurso, os especialistas também avaliaram gestos, expressões faciais e até reações fisiológicas, como o movimento específico de músculos, intensidade da respiração e deglutição, que ajudam a traçar as emoções sentidas, independentes da fala. Em dois pontos específicos do relatório, por exemplo, os especialistas apontam o chamado “Efeito Pinóquio”, que determina níveis de ansiedade acima do normal.

Timbane (2016) esclarece que os indivíduo apresentam características próprias, como diferenciação do ritmo e da entoação, que podem advir de experiências adquiridas na família, na comunidade linguística, além de distúrbios fonológicos, domínio analítico da fonética e da fonologia, podendo ser indícios ou provas em certos casos.

3 METODOLOGIA

3.1 PROCEDIMENTOS GERAIS

O processo metodológico para este estudo valeu-se dos apontamentos de Rampazzo (2005, p. 48-60) no que tange à natureza da pesquisa, quanto aos seus objetivos, abordagem, procedimentos técnico e coleta de dados.

Quanto à natureza da pesquisa- a metodologia utilizada compreende pesquisa de natureza básica ao buscar apenas aprofundar o conhecimento disponível na ciência.

Quanto aos procedimentos técnicos: para a fundamentação teórica e embasamento para a análise apresentada no resultados e discussões debruçou-se à pesquisa bibliográfica, visto que é a forma de investigação cuja a resposta é buscada em informações contidas em material gráfico, sonoro ou digital estocadas em bibliotecas reais ou virtuais. Portanto, consultou-se, em especial, a Azzariti, Colares, Almeida, Caldas-Coulthard e Johnson, Cunha, Fröhlich, Gibson, Gonzáles, Marquilhas, Cardoso, Oliveira, Reis, Timbane, entre outros, buscando-se conhecimentos técnicos e informações referentes à Linguística Forense no que tange aos seus aspectos conceituais, históricos, áreas de atuação profissional, e, em especial, sua contribuição para a investigação criminal.

Ainda, enquanto procedimento técnico, também dedicou-se a pesquisa documental, qual recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico tais como jornais, revistas, relatórios oficiais, cartas, fotografias, pinturas, tapeçaria, relatórios de empresas, vídeos de programa de televisão, filmes e séries, como caso desta monografia, objeto de estudo e análise peculiar, ou seja, os Episódios da série da Netflix, *Manhunt: Unabomber*.

Quanto a abordagem da pesquisa- a abordagem é qualitativa pelo caráter subjetivo, critério valorativo, pois neste tipo de abordagem o pesquisador é quem faz a análise dos dados coletados, buscando os conceitos, princípios, relações e significados. Portanto, a análise que observa o papel da linguística Forense nos episódios da série *Manhunt Unabomber*”, valeu-se de análise interpretativa com base no conhecimento adquirido por esta pesquisadora mediante as leituras realizadas.

3.2 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

O Objeto de análise - diz respeito a “Manhunt Unabomber”, uma série de investigação criminal e drama, criada por Andrew Sodroski, Jim Clemente e Tony Gittelson, produzida pelo canal Discovery Channel, canal de televisão por assinatura destinado à apresentação de documentários, séries e programas educativos sobre Ciência, Tecnologia, História, Meio Ambiente e Geografia.

Em 12 de dezembro de 2017 o seriado foi inserido na plataforma da Netflix, uma provedora global de filmes e séries de televisão via streaming, ou seja, uma transmissão contínua que distribui conteúdo multimídia através da Internet.

O seriado, na primeira temporada, traz a história de **Theodore Kaczynski**, ex-professor de Matemática, que abandonou a carreira acadêmica para buscar um estilo de vida primitivo, se opondo a sociedade industrial. Como forma de protesto, envia bombas para alvos, ou seja, pessoas envolvidas com a tecnologia moderna. Foi um caso de grande repercussão na justiça dos EUA, pois ao longo de quase duas décadas enviou pelos correios 16 cartas-bomba que mataram três pessoas e feriram dezenas.

Forma de coleta de dados para análise, resultado e discussões - O objeto de estudo, ou seja, a primeira temporada da referida série é composta de 8 episódios, a saber, 1- Força tarefa UNABOM, 2- Pura Aqua, 3- Provas ilícitas, 4- Publicar ou perecer, 5- A cabana, 6- Ted, 7- Lincoln e 8- O julgamento. Para a compreensão de qual foi o papel da Linguística forense, após a aquisição de conhecimentos teóricos, foi necessário assistir aos episódios e transcrever os pontos mais importantes da trama, separando as pistas que demonstrassem a atuação da Linguística forense em auxílio à investigação criminal, ou seja, à caçada do FBI ao Unabomber.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 A SÉRIE MANHUNT UNABOMBER: UM OLHAR DA LINGUÍSTICA FORENSE

Parte-se da constatação de que diversas áreas das Ciências Humanas se debruçam sobre o estudo do cérebro humano. Seus processos cognitivos e linguísticos estão presentes no cotidiano de cada ser. Alguns especialistas como, por exemplo, os neuro-psicólogos, estudam a linguagem por meio de parâmetros fisiológicos, tentando entender como funcionam as questões linguísticas, isto é, tentando “compreender como utilizamos e combinamos palavras [...] para formar frases e transmitir os conceitos elaborados pelo cérebro” (DAMÁSIO e DAMÁSIO, 2015, p. 19). Outros pesquisadores concentram seus trabalhos também na linguagem humana, como é o caso dos linguistas.

Conforme Almeida (2014) a caçada ao Unabomber foi considerada a mais longa e intensa do FBI e foi também o mais famoso caso que teve o auxílio da Linguística Forense para solução de um crime, na qual o agente do FBI Jim Fitzgerald, criador de perfil criminais atuou, foi apanhado por conta do reconhecimento de seu estilo próprio de escrita e expressão.

Pista 1 - Palíndromos - O agente especialista em perfis criminais, James Fitzgerald, é apresentado a força-tarefa *Unabomber*, uma equipe de cinquenta agentes do FBI, com o objetivo de identificar e prender o terrorista mais procurado dos Estados Unidos que ao longo de 17 anos, enviou 16 encomendas bombas para suas vítimas. Os primeiros alvos foram Universidades e companhias aéreas (por isso a mídia e o FBI deram o nome de *Unabomber*: Un, de “University” e A, de “Airlines”).

Por ser o melhor da turma no curso de perfis criminais, o agente James Fitzgerald é chamado para o caso por enxergar sempre além. Ao ter o primeiro contato com uma das cartas datilografadas que o terrorista *Unabomber* enviou para as suas vítimas, percebe que se trata de um palíndromo.

De acordo com Nogueira (2013), a palavra palíndromo vem do grego palin (de novo, com repetição, em sentido inverso) + dromo (caminho, curso, pista). Palinfrasia é a repetição doentia das palavras ou frases. Trata-se também de frase ou palavra que se pode ler da esquerda para direita ou vice-versa, por exemplo, osso, Ana, radar, Renner, Roma é amor, orava o avaro, socorram-me subi no ônibus em Marrocos, entre outros.

O autor supracitado esclarece que palíndromo se refere não só a palavras e frases como também a números: 121, 4554, 378873... Para esse caso, a palavra capicua, sequência de algarismos que permanece a mesma se lida na ordem direta ou inversa (exemplo: 13231). No dominó, é a pedra que pode ganhar o jogo porque se encaixa em qualquer uma das duas pontas. (HOUAISS,2009). Ressalta-se que em um palíndromo, desconsideram-se os acentos, pontuação e espaços, ou seja, são consideradas apenas as letras e palavras. Essas palavras que refazem o seu próprio ciclo também são conhecidas como anacíclicas.

Os antigos gregos viam algo de sagrado nos palíndromos. O registro mais antigo em língua portuguesa está no primeiro dicionário publicado no Brasil, em 1789, trazendo o verbete “palíndromo” com o exemplo: “Roma me tem amor”. Também há palíndromos numéricos, ou seja, qualquer sequência lida igual nos dois sentidos, por exemplo, o dia 20/02/2002 foi uma data palíndromo que só acontece a cada mil anos. A técnica é também vista como uma arte na brincadeira com palavras, utilizada por diversos autores e poetas.

Na carta, enviada pelo o *Unabomber* esse jogo de palavras foi feito usando a primeira letra de cada parágrafo do texto. O palíndromo passava a mensagem “Dad it is I” na tradução “Pai sou eu”. Então, ao fazer uma análise comportamental sobre o autor da carta, o agente Fitzgerald chega à conclusão que aquele jogo de palavras reversas revela que o terrorista gosta de quebras cabeças, se considera mais esperto que FBI e jamais imaginava que perceberiam que se tratava de um palíndromo, tem dificuldades de se comunicar, por isso recorre a códigos e, provavelmente, teve problemas com o pai quando era criança por isso envolve “pai” no código.

Pista 2- O Manifesto: “A sociedade industrial e seu futuro. by FC”. O referido Manifesto, de 56 páginas, escrito pelo terrorista “FC” (*freedom club*), na tradução “clube liberdade”, como se intitula nas cartas e nas bombas, chega até a força-tarefa *Unabomber* através do New York Times, um jornal renomado nos EUA.

A produção escrita basicamente descreve e analisa a sociedade tecnológica as consequências que teve e, provavelmente, terá o desenvolvimento tecnológico sobre certos temas tais como a liberdade individual, a dignidade humana ou a natureza selvagem.

O Unabomber argumenta que o progresso tecnológico está nos levando para um desastre na história da humanidade e que somente o colapso da civilização tecnológica moderna pode evitar tal desastre.

No manifesto admite que os atentados que causou foram extremos, porém, necessários para chamar atenção da mídia e da sociedade. Um trecho do manifesto diz o seguinte:

“A revolução industrial e suas consequências tem sido um desastre para a raça humana, a tecnologia deveria nos libertar mas não faz isso. Os seres humanos estão sendo reduzidos a engrenagens na máquina social, sem dignidade, sem autonomia e liberdade. A única opção disponível para nós é a obediência, estamos virando ratos de gaiola distraídos pelo queijo sem importância que buscamos. Status, promoção, dinheiro, carros melhores, mais TV’s, somos destruídos pelo entretenimento e depois ajustados por terapia e prozac. Até você não querer mais ser livre ou se não puder ser ajustado vai para ala psiquiatra ou para prisão. E a única alternativa, a única esperança, a única forma de sermos livres é explodindo tudo.”

Ilustração 1: trecho do manifesto FC. Fonte: seriado Manhunt Unabomber

Esse documento é a primeira evidência sólida que se tem desse serial-bomber em 17 anos, uma análise forense minuciosa em busca de impressões digitais ou fios de cabelo começa a ser feita.

O agente Fitzgerald fala da necessidade de uma análise linguística em busca de provas para descobrir quem é o autor desse documento, pois, assim como descobriu traços da personalidade do criminoso em uma carta com um palíndromo, pode encontrar diversas pistas no manifesto que contém muito mais páginas.

A atribuição de autoria textual é a habilidade de inferir as características de um autor a partir das características dos documentos escritos pelo mesmo (JUOLA, 2006). Mais concretamente, o típico problema de atribuição de autoria, e também o mais estudado, envolve atribuir a um dado texto questionado o seu respetivo autor, de entre um conjunto limitado de personagens possíveis. Também se considera da abrangência dos problemas de atribuição de autoria, conforme o autor supracitado, a tarefa de descobrir não apenas identidade individual, mas também identidade de

grupo, advinda de fatores de identificação tais como o gênero, o grau de formação curricular ou o dialeto.

Nesse primeiro contato do agente Fitzgerald com o documento que se caracteriza como um gênero essencialmente argumentativo, o agente observa e analisa o discurso, tentando entender a filosofia por traz do documento que descreve como a sociedade tecnológica, que segundo o terrorista, nos aprisiona.

Para situar melhor o leitor, o agente responsável para descobrir quem é o terrorista e os motivos dos ataques. O agente é um perfilador criminal que usa dos métodos da Linguística Forense, devido único vestígio contra o criminoso ser a linguagem.

Um perfilador (*profiling*), utiliza técnica de investigação criminal que foca os comportamentos do criminoso perante o crime, conforme informa Klein (2017). O termo *profiling* refere-se à aplicação de técnica investigativa do domínio da Psicologia Forense, e, tem apoiado trabalho da polícia de investigação criminal. Com a devida especialização, essa técnica pode ser exercida por um investigador, um psicólogo, um criminalista, entre outros.

Perfiladores analisam assinaturas versus *modus operandi*, onde o *modus* determina a maneira que determinada pessoa utiliza para trabalhar ou agir, ou seja, as suas rotinas e os seus processos de realização são necessários para completar os crimes.

O *Unabomber*, enviou uma outra carta para a edição do jornal *São Francisco Chronicle* ameaçando explodir um avião nos próximos 6 dias no aeroporto de Los Angeles, logo em seguida envia outra carta para o *New York Times* falando que a primeira se tratava de uma brincadeira.

Mediante isso, se fez necessário que o perfilador criminal do caso entrasse em ação, fazendo recomendação de como proceder para enviar um parecer para as autoridades, refletindo se devem baixar a guarda e confiar que o terrorista não implantará uma bomba em um avião, ou continuar com o aeroporto e Los Angeles fechado até que a ameaça não seja real.

Ao fazer uma releitura da carta, Fitzgerald percebe que ao errar uma palavra, o *Unabomber* tenta esconder a palavra que cometeu o erro, não exatamente para corrigir o erro, observa o agente, mas até ao ponto de rasurar o papel para que a palavra fique ilegível, assim como coloca solda em excesso para esconder as conexões das bombas.

As assinaturas revelam o psique, o caráter, nesse sentido, observou-se que o *Unabomber* coloca seu nome na parte mais indestrutível da bomba, ele quer que o FBI veja que é dele, mas, tem vergonha de um possível erro de escrita nas cartas e das imperfeições nas bombas.

Portanto, Fitzgerald traça um perfil que será enviado para os Senadores e para a Procuradoria geral. Em sua recomendação afirma que FC não irá explodir um avião do aeroporto de Los Angeles, porque o terrorista se importa com a sua reputação e credibilidade, tem vergonha dos erros que comete e tenta apagar cada um deles, demonstrando ser obcecado em apresentar uma imagem perfeita para o público.

Ele quer ser visto como inteligente, lógico, superior, mas tudo isso não passa de uma autoimagem frágil, e a ameaça de bomba demonstra sua necessidade de poder, ao tentar confundir o FBI. No entanto, ingenuamente o *Unabomber* fornece mais munição, ou seja, pistas do seu comportamento.

Segundo Fitzgerald, o terrorista teme que o departamento vá até a imprensa o taxando de um mentiroso para todo o país, inclusive, também pela reflexão de que se o público não acreditar nele, não acreditará nas filosofias polêmicas do seu manifesto.

Vale ressaltar que, durante 17 anos, antes da presença analítica da Psicologia Forense e da Linguística Forense, o FBI (Departamento Federal de Investigação), traçou um perfil equivocado do *Unabomber*, acreditando que ele era um mecânico de aviões, demitido pela United Airlines em Cincinnati, com baixa escolaridade, que fazia esses ataques terroristas por vingança. Mas, Fitzgerald nunca concordou com esse perfil, pois, criminoso nunca estava nas cenas do crime para presenciar suas vítimas explodirem, então, não era pessoal já que não tinha satisfação. As vítimas eram de empresas de companhias aéreas, universidades, empresas de tecnologia e madeireira, eram representativas e seus endereços eram encontradas em uma revista. Para esse agente, o *Unabomber* não foi pego por todos esses anos porque o subestimaram, não percebendo que na verdade ele era muito esperto, pois, a filosofia do manifesto era de um homem inteligente.

O agente concluiu que o homem tinha escolaridade em nível alto para ter a habilidade de escrita textual além da uma mensagem que ele estava tentando repassar e estava sendo ignorada. O agente, então, acreditava que a chave para encontrar o *Unabomber* estava nas cartas e no manifesto, por ser o único vestígio

em anos e por acreditar que o criminoso se entregaria pela sua escrita, a forma como o terrorista se expressava estava começando a dar pistas sobre sua personalidade.

Pista 3 - “Aqua”- um olhar da Sociolinguística- Em todas as cartas o FC coloca um número de identificação. Ao pesquisar esse número no banco de dados aparece um seguro social, e, o FBI vai em busca desse suspeito para interrogá-lo. O suspeito foi preso próximo uma cena de crime do FC, uma loja de informática onde fez sua primeira vítima fatal.

No entanto, Fitz acredita que o suspeito não é o Unabomber, pois possui um erro gramatical em uma das suas tatuagens, ou seja, está escrito “groço como água” e o FC nunca cometeu nenhum erro gramatical nas cartas. Para comprovar, ao interrogá-lo descobre-se que o homem passou 8 anos preso, por dirigir bêbado, sendo, portanto, impossível que ele fosse o Unabomber.

Fitzgerald, intrigado com a tatuagem do suspeito, o questiona sobre o que é “mais groço que água” mas o agente pronuncia “aqua” e o diálogo perpassa pelo humorístico, onde o suspeito questiona o agente de onde ele é pra pronunciar “aqua” e seus colegas de trabalho dizem que não sabiam que ele era da Filadelfia.

Então, pensando na forma diferenciada que um falante de um mesmo idioma pronuncia as palavras, o agente questiona e reflete sobre a região do país de origem e tem a esperança de encontrar algo que aponte de que região o *Unabomber* nasceu através do manifesto.

Esta passagem, neste episódio remete à Sociolinguística, ramo da linguística que estuda o uso social da Língua, as relações entre língua e sociedade, representada pelo conjunto de falantes de determinadas comunidades que formam o todo, pois, conforme Bakhtin (1988) a língua é um fenômeno social, cuja natureza é ideológica

Segundo Meillet (1921 apud CALVET, 2002, p. 16), “por ser a língua um fato social resulta que a linguística é uma ciência social, e o único elemento variável ao qual se pode recorrer para dar conta da variação linguística é a mudança social”. Nesse sentido, afirma-se que as reflexões do agente Fitz se aproximam também da Geografia linguística, também chamada de Dialetologia, ou ainda Geolinguística.

Fitzgerald se sente julgado pelos colegas de trabalho, como um policial sem estudo, sem preparo, nascido e criado na Filadélfia. Valendo aqui lembrar, conforme

Bertoni-Ricardo (2004), que um desvio, dito erro, na língua oral é, pois, um fato social.

O certo e errado não decorre da transgressão de um sistema de regras da estrutura da língua, no que acrescentaria Cagliari (1999) afirmando que se explica, simplesmente, pela (in)adequação de certas formas a certos usos.

Todo falante nativo de uma língua é um falante plenamente competente dessa língua, capaz de discernir intuitivamente a gramaticalidade ou agramaticalidade de um enunciado, isto é, se um enunciado obedece ou não às de funcionamento da língua. Ninguém comete erros ao falar sua própria língua materna, assim como ninguém comete erros ao andar ou respirar (BAGNO, 2005, p. 124).

A discriminação sobre a fala de alguém parte de conceitos utilizados para marcar pejorativamente os indivíduos e classes sociais pelos modos de falar, apontando diferenças linguísticas como sinal de prestígio ou estigma, revelando, desse modo, o preconceito linguístico, bastante debatido por Bagno (1988).

O preconceito linguístico diz respeito a um tipo de discriminação existente entre os falantes de um mesmo idioma, ignorando o respeito pelas variações linguísticas, como sotaques, regionalismos, dialetos, gírias e demais diferenças da fala de determinado grupo da sociedade. Portanto, se essa atitude discriminatória incomodou, aborreceu um adulto, como no caso de agente de investigação criminal, que se dirá de uma criança ou um adolescente no âmbito escolar.

Fitzgerald, finalmente ganha reconhecimento pelo seu trabalho ao conceder-lhe uma equipe da força tarefa a sua disposição para estudar exclusivamente o manifesto para uma análise investigativa, que nada mais é, do que pautada na Linguística Forense, partindo do seguinte questionamento: *Quem é que escreve daquele jeito, com aquelas notas de rodapé e frases de morte?*

O investigador reflete: “*Quem escreve assim?*” E reflete que assim como pronunciar “aqua” apontou sua origem regional, e, assim como agente Taby fala “bro”, linguagem utilizada em São Francisco, pode ser que o *Unabomber* tenha escrito algo que defina sua origem ou onde vive, onde está. Então, Fitzgerald, Taby e Ernie, agentes da força tarefa, começaram a estudar o Manifesto em busca de vestígios linguísticos, o que representa na verdade uma leitura do manifesto à luz da Linguística Forense.

Conforme Gonzalez (2018), dentre as características linguísticas observáveis numa análise de autoria, podemos destacar: análise sintática, classificação de pontuação, complexidade na estrutura, riqueza de vocabulário, cumprimento das sentenças, cumprimento de palavras, erro gramatical ou ortográfico, padrões ortográficos, pontuação, classificação léxico-gramatical, dimensões linguísticas (registro ou estilo), etc.

Pista 4 - Análise linguística e estrutural do Manifesto - Fitzgerald e sua equipe começam a busca por palavras incomuns no manifesto e encontram o seguinte ditado popular no parágrafo 185: *“não se pode comer o bolo e continuar a tê-lo”*. Então, percebem que o mencionado dito popular está ao contrário do que é falado na atualidade, ou seja: *“não se pode ter o bolo e continuar a comê-lo”*.

Ao pesquisar sobre, Fitzgerald descobre que esse ditado popular sofreu modificações pelo uso social a 400 anos atrás, mas o FC ainda escreve do jeito antigo, nisso ele conclui que alguns termos que o *Unabomber* fala são geracionais.

No parágrafo 11 do manifesto, FC usa os termos “broto”, “mina” e “crioulo”, levando a equipe a questionar: “quemalaria desse modo?” Fitzgerald dá exemplo da fala de seu pai, concluindo que FC utiliza termos da geração passada, pois ninguém, entre 30 e 40 anos usaria essas palavras, o que dá pista da possível faixa etária do Unabomber, além da suposição que ele não possui contatos com pessoas negras, por ainda usar esse termo crioulo que é quem nasceu escravo.

Percebem também que as frases do manifesto são longas, o estilo é formal, com grafia correta, embora obsoleta, como por exemplo, a palavra úmida com H. Os parágrafos e as notas de fim do manifesto são enumeradas, possui uma página de correções, uma página para citações e é como se ele estivesse tentando soar inteligente.

Fitzgerald chama todos os autores que são citados nas referências do Manifesto para uma reunião no escritório do FBI, na esperança que reconheçam as ideias ou a linguagem, se acaso são parecidas com de algum colega de trabalho, ou ex-aluno.

Uma professora de Linguística Comparada questiona se havia uma página de correções anexada ao manifesto e se é chamada de correção ou errata, se estava em inglês ou latim. Fitzgerald responde que está escrito correções, então, a professora afirma que essa é a forma padrão de uma tese de PhD, ninguém a reconheceu devido ao processador do Word ter mudado e essa forma que o FC

escreveu é como os antigos alunos escreviam, e ele continua escrevendo assim porque usa a máquina de escrever, portanto, o formato não se alterou automaticamente, como aconteceria em um computador.

A professora observa e explica que esse estilo de formatação, que denomina notas de fim, era usada antes de 1972, depois mudada para rodapé, além disso, observou que a página de correções era chamada de errata antes de 1967, o que levou a conclusão que, então, o FC aprendeu essa formatação entre os anos de 1967 e 1972 e que só candidatos a PhD usavam esse estilo. Então, se ele usa esse formato de 20 anos depois ele deve ter escrito uma tese entre 67 e 72.

A análise da estrutura do manifesto com o auxílio da professora Natalie foi de extrema importância, pois com isso conseguiram concluir que ele não era um mecânico de avião sem estudos como o FBI acreditava antes dessa análise linguística e estrutural e sim de um homem inteligente, formado, foi possível descobrir até em que período aproximadamente ele se formou.

Pista 5 - Os Idioletos: Identidade linguística de um indivíduo - Fitz mostra para a professora Natalie, a professora de Linguística Comparada, os quadros que contém, até então, toda a análise linguística que sua equipe vinha realizando sobre o manifesto, procurando pistas de quem o FC possa ser.

Flitzgerald comentou com a professora que sua própria origem foi possível ser identificada quando usou o termo “aqua”, diante de seus colegas de trabalho, e que por tal, desde então procuram peculiaridades na linguagem do FC, quando a professora interrompe explicando que isso se trata do que se denomina idioletos, como são chamados os padrões de fala de uma pessoa específica, é como uma impressão digital linguística.

Idioleto é o conjunto dos enunciados produzidos por uma só pessoa, e principalmente as constantes linguísticas que lhes estão subjacentes e que consideramos como idiomas ou sistemas e específicos; idioleto é portanto, o conjunto dos usos de uma língua própria de um indivíduo, num momento determinado (seu estilo).

A noção de idioleto acentua certos caracteres particulares dos problemas de geografia linguística: todo corpus de falares, dialetos ou línguas só é representativo na medida em que emana de locutores suficientemente diversificados; mas é, pelo menos de início, sobre bases não linguísticas que são escolhidos esses locutores e os enunciados que eles produzem.

“Mesmo se o pesquisador levantar para um dado falar, enunciados em número suficiente de todos os locutores encontrados na língua estudada” (DUBOIS, 2001, p. 85). Mais especificamente, idioleto diz respeito ao o sistema linguístico de um único indivíduo num determinado período de sua vida, que reflete suas características pessoais, os estímulos a que foi submetido, sua biografia.

Quanto a esse assunto Colares (2016) afirma que cada falante possui um vocabulário ativo muito vasto, construído no decorrer de muitos anos, que será diferente dos vocabulários que os outros também construíram, não apenas no que se diz respeito as palavras reais mas também no que concerne as preferências na seleção de determinados itens em vez de outros.

Assim, embora em princípio, qualquer falante/redator possa usar qualquer palavra em qualquer tempo, os falantes tendem a fazer seleções, típicas e individuais, de palavras preferidas. Isto implica que é possível conceber um método de impressões digitais linguísticas, em outras palavras, visto que, as impressões linguísticas criadas por um dado falante/ouvinte podem ser utilizadas, tal como uma assinatura para identificá-los.

Fazendo um estudo minucioso no manifesto a investigação encontrou algumas variantes de grafias incomuns, Fitzgerald explica para professora essa questão fazendo uma análise de forma amadora e leiga. A professora comenta ser esse um modo inovador, usar o auxílio da Linguística para resolver crimes, acrescentando que ainda nem existia um nome para isso.

A professora conclui que se FC é consistente com essas palavras, aprendeu esse estilo em algum lugar, jornais, revistas, onde havia um guia de estilo para seus leitores que corresponda a essas grafias, afirmando que, se encontrarem esse guia de estilo encontrarão o idioleto dele e se encontrarem o idioleto encontrarão o *Unabomber*.

De acordo com Love (2002) não é apenas através de uma ou outra característica que se pode reconhecer um estilo, mas pela repetição, pela consistência de uma combinação de características.

Para McMenamin (2002, p. 51), o estilo linguístico é dado pela recorrência de uma combinação de traços linguísticos, uma “constelação de variáveis”, e não pelo estabelecimento de um único traço isoladamente, e isso se deve ao fato de que formas linguísticas únicas, singulares, são raras.

Na mesma linha, segue Coulthard (2006, p. 1), segundo quem: “embora a princípio qualquer falante ou escritor possa usar qualquer palavra a qualquer momento, eles tendem a usar tipicamente a mesma seleção de palavras”.

Assim, podemos considerar que o estilo é inerente às escolhas que cada indivíduo está propenso a fazer na produção de seus escritos, considerando que essa produção vai se alterando e se moldando com as experiências ao longo da vida, muito embora estas escolhas estejam atreladas as opções disponíveis na língua.

A professora Natalie encontra o guia de estilo em que o FC aprendeu a escrever gramática quando criança, é o guia da tribuna de Chicago, do editor Robert McCormick, um grande defensor de um movimento de ortografia simplificada que em 1949 forçou esse estilo para seus editores.

Em 1954, quando morreu voltaram a colocar o guia de estilos padrão nos jornais. Fitzgerald e a professora Natalie concluem que o FC aprendeu gramática entre os anos de 49 a 54 com esse guia de estilo, fez PhD entre 67 e 72 então deve ter no mínimo 50 anos.

Através da análise linguística foi possível descobrir traços da personalidade do criminoso que ajudaram a prever como ele reagiria em situações que colocariam vidas em risco. Descobriram que com aquela formatação do manifesto ele possuía formação pois só PhD de determinada época, quando escreviam naquela estrutura, tendo assim uma noção de que ano se formou

Também pela sua forma que escrevia, descobriram onde o suspeito aprendeu Gramática que foi em um guia de estilo de um jornal, e ainda foi possível descobrir onde o FC havia nascido e aproximadamente a sua idade, analisando algumas gírias e ditados populares que ele utilizava. A Linguística Forense deu um direcionamento a esse caso, pois antes desse estudo só haviam informações erradas sobre o criminoso.

Pista 6 - A publicação do Manifesto - O *unabomber* envia uma carta para o New York Times, propondo um acordo. Se publicarem o Manifesto a sociedade industrial e seu futuro com suas teorias políticas, o FC desistirá permanentemente de todas as suas atividades terroristas. Observa-se trecho da carta:

“[...] como vocês sabem, bombas podem atrair atenção mas ideias iniciam revoluções, esse é nosso único objetivo e se quebrarmos a nossa palavra, as pessoas perderão o respeito e não aceitarão nossas ideias [...] O FBI é uma piada,

eles vem tentando retratar esses bombardeios como o trabalho de um louco isolado. O nosso objetivo não é punir as pessoas que impulsionam todo esse lixo de crescimento e progresso e sim propagar ideias. Se o nosso manifesto não for publicado pelo New York times ou outro jornal de circulação nacional, outra bomba está pronta para ser entregue”.

Fitzgerald acredita que publicando o manifesto, usarão o plano dele contra ele mesmo, pois alguém reconhecerá o seu idioleto ou a sua ideologia. Realmente não conseguiram uma impressão digital do FC em 17 anos, mas, agora com o Manifesto, o FBI tem uma impressão digital linguística.

Então, o FBI começa a elaborar uma recomendação concreta e operacional para apresentar para a procuradoria geral. Decidem então fazer uma ardilosa operação, pois não publicarão o manifesto no New York Times e sim no Washington Post, do qual só existe uma banca na cidade que o vende. Assim, na melhor das hipóteses irão atraí-lo, tendo em vista que o terrorista estaria em uma área próxima, segundo o rastreamento das rotas das encomendas bombas. Então, provavelmente, FC irá até banca para se certificar que o manifesto foi publicado.

Ao reunir com a procuradora Janet, o agente especial Don explica que deve-se publicar o manifesto na íntegra, publicando exclusivamente no Washington Post como parte da seguinte estratégia de raciocínio, a saber:

1 - Tornando o manifesto acessível, acreditava-se que existiria uma grande chance de algum amigo ou colega do Unabomber reconhecer a linguagem sua ideologia única e o entregá-lo.

2 - Com base na probabilidade do Unabomber morar na área da banca de jornal, ele irá até no único local em São Francisco onde o jornal é vendido.

Montou-se, então, tudo para a execução de uma grande operação de vigilância, para identificar, seguir, questionar, interrogar cada indivíduo que comprasse uma cópia na banca de jornal no dia da publicação. Embora o tamanho e a escala dessa operação não tenha precedentes, o FBI acredita que essa seria uma oportunidade para atrair o terrorista até eles. Lembrando, que a publicação do manifesto não se trata de ceder aos pedidos do criminoso, mas sim, de uma estratégia de usar seu plano contra ele próprio.

O agente especial Don oficializa a publicação do manifesto do *Unabomber* para a imprensa. Pediu também o apoio da população para resolver esse caso. O

agente frisa que a população preste atenção na filosofia por trás do manifesto, que tente lembrar se conhece alguém que tenha a mesma filosofia ou forma de falar parecido.

O manifesto é publicado e reconhecido pela cunhada do Unabomber, que liga para o seu marido, David Kaczynski, o irmão, pedindo que ele compre um jornal e leia o manifesto. David compara o manifesto com uma carta antiga que seu irmão Ted Kaczynski havia lhe enviado. Então, o casal decide enviar a carta por um escritório de advocacia de Washington para que enviem por fax para o FBI, pois não querem ser identificados.

A referida carta possui 23 páginas, como se fosse um rascunho do manifesto, possuindo ideias revolucionárias parecidas. Um trecho da carta diz:

“[...] Dependem da tecnologia.. As pessoas acreditam nisso como solução mas não passa de uma ilusão que aliena a população. A continuidade do progresso científico resultará em variavelmente na extinção da liberdade individual”.

As palavras-chave: tecnologia, liberdade, controle, leva Fitzgerald a confirmar que é realmente um esboço do manifesto. São as mesmas ideias, nas mesmas ordens, com o mesmo padrão de escrita e idioleto que ele escreve, idêntico.

Ao conversar com David Kaczynski, o irmão de Ted, Fitzgerald começa a falar a personalidade do Ted e o impressiona o irmão com a precisão analítica. Afirma que o FC foi criado em Chicago, tem hoje entre 50 e 55 anos, que lia a tribuna de Chicago quando criança, que fez o PhD entre 1967 e 1972 e depois de um tempo ele se isolou do mundo, sem TV, sem cultura pop, sem amigos ou relações amorosas, simplesmente isolado.

Ele é esperto, paciente, extremamente preciso e está aborrecido, que se ofende com facilidade, que desconta nas pessoas, que não tem mais ninguém na vida, que se vitimiza, que se sente desvalorizado, que se alinha com pessoas menos talentosas, que é solitário, e, que deseja se conectar com os humanos mas não consegue, o que lhe frustra profundamente.

Fitzgerald vê a foto do Ted em uma cabana, David revela que é lá que ele mora, que eles construíram essa cabana juntos, que seu irmão é um matemático e que a cabana tem as proporções matemáticas perfeitas mas não tem água, nem

eletricidade. Tudo muito simples, localizada no oeste de Montana, no meio do nada, vivendo da caça, ou seja, o mais longe possível do sistema.

A família do Ted entrega ao Fitzgerald uma caixa com centenas de cartas que ele mandou ao longo de 30 anos. Fitzgerald leva as cartas para a professora Natalie para uma análise detalhada, em busca de fatos da vida do Unabomber descritas nas cartas, se é compatível com a linha do tempo dos acontecimentos, buscando nas ideias os pontos de comparação com o manifesto para levar para a força tarefa que investiga o caso.

“Não se pode comer todo o bolo e continuar a tê-lo” - Foram encontradas centenas de comparações entre as cartas que o Ted enviou para família e o manifesto, compartilhavam várias escolhas linguísticas, tanto lexicais quanto gramaticais que apontavam que haviam sido escritos pela mesma pessoa.

O agente e a professora concluem que é o mesmo idioleto mas tinham que comprovar para procuradoria e assim ter mandado de busca assinado pelo Juiz para que os agentes pudessem entrar na cabana do suspeito, essa seria a primeira vez um mandado de prisão seria baseado em linguagem então as provas contra o Ted precisavam ser sólidas.

Ao comparar uma carta que Ted enviou para um editor e a mãe do mesmo guardou uma cópia e o paragrafo 185 do manifesto percebem que o ditado “não se pode comer todo o bolo e continuar a tê-lo” estava em ambas.

Quando Fitzgerald mostra o ditado para o procurador ele diz que o ditado está ao contrario, pois o certo é “ter o bolo e continuar a comê-lo” e que ele havia escrito errado por duas vezes o ditado. Fitzgerald explica que na verdade ele havia escrito da forma correta, que a versão que ele falava era a correta, que as pessoas haviam parado de falar assim anos atrás mas ele continuava a escrever corretamente, convencendo assim o procurador que era o mesmo autor.

Ressalta-se Holliday et. Al (1964 *apud* COLARES, 2018, p. 75) que o linguista também pode enfocar o problema da autoria em debate a partir da posição teórica de que todo falante nativo tem sua versão individual e distinta da língua que fala e escreve, seu próprio idioleto e o pressuposto de que esse idioleto se manifestará através de escolhas idiossincráticas e distintivas

Com essas provas, Theodore Kaczynski, o Ted, passa a ser o suspeito número 1 do FBI e uma equipe é enviada para Lincoln, Montana onde vive para que

seja observado, mais especificamente, uma equipe com 100 agentes é enviada para Montana devido a periculosidade da operação.

Ao emitir o mandado de busca para os agentes invadirem a cabana do suspeito, o juiz, encarregado pelo caso, comenta que essa será a primeira vez que a linguagem será usada como argumento para um mandado na história judicial, mas que ele lembra que quando serviu no exército, em Okinawa, os inimigos japoneses invadiam durante a noite, então os sentinelas começaram a usar senhas como “esquilo”, “redemoinho” e “reverso”.

Uma noite, quando ele estava de sentinela, em uma escuridão total, de repente viu uma sombra se movendo em sua direção. Não era possível saber se eram soldados americanos ou japoneses, até ouvir a senha: “liberdade, liberdade”. Então, abriram fogo, visto que o modo com qual aquele soldado falou, que se expressou, mostrou que ele não era americano, o que remete a esse caso.

Os agentes prendem o suspeito e entraram na cabana para vasculhar, encontrando vários materiais de fabricação de bomba caseira e a máquina de escrever. Essa, mais longa e intensa caçada do FBI na história do EUA, que terminou com a prisão do ex-professor de Matemática, Theodore Kaczynski, de 53 anos, se formou em Harvard, que possui um Q.I 167, e que vivia sem água tratada e eletricidade, desde o começo dos anos 70.

Em suma, o caso foi resolvido com o auxílio de análise da Linguística Forense, uma abordagem pioneira na época, e que enfrentou uma árdua batalha para que esse método fosse aceito e levado a sério, ao comparar as cartas e o manifesto o FBI constatou que haviam similaridades linguísticas entre as duas, partilhavam de uma série de itens gramaticais, lexicais e frases fixas que forneciam a evidência forense que era o mesmo autor que havia escrito.

A conclusão do caso baseou-se em padrões semelhantes encontrados nas amostras de autoria comprovada. Seis semanas após a conclusão da perícia, em abril de 1996, Theodore Kaczynski foi preso e em sua casa (uma cabana). Foram encontradas várias provas incriminadoras, além de um diário com vários relatos. Theodore Kaczynski se declarou culpado das acusações e foi sentenciado a oito prisões perpétuas. Portanto, a referida série nos apresenta uma nova ciência no auxílio da resolução do crime, chamada Linguística Forense, ou seja, quando a Linguagem, seja falada ou escrita, é usada como vestígio em uma investigação criminal, bem como, os desafios enfrentados para sua consolidação.

5 CONCLUSÃO

O propósito desse TCC foi apresentar uma área de atuação que tem auxiliado na resolução de crimes nos tribunais de justiça e pode ser de interesse do âmbito de Letras, visto que, a linguística forense é a área da linguística que se dedica ao estudo da linguagem na esfera forense.

Assim, como no caso *unabomber*, objeto deste estudo, o uso da linguagem para fins investigativos pode ser usado para analisar ligações telefônicas, gravações de interrogatório, cartas de suicídio e até cartas anônimas de ameaça, por meio dessas evidências é possível observar, entre outras coisas, contradições, maneirismos e até as emoções relacionadas ao que está sendo dito ou escrito.

A carreira profissional para quem cursou Letras tem uma diversidade de áreas de atuação, com possibilidades que vão além do óbvio, ou seja, o graduado em Letras na sala de aula, se fazendo necessário uma visão mais empreendedora, que reflita que o campo de atuação para esse profissional é muito mais amplo para exercer suas habilidades.

Nesse sentido, a Linguística Forense é um campo de trabalho ainda não tão explorado que pode figurar como possibilidade de atuação para o letrado, isso com uma devida especialização (pós-graduação), ou mesmo algum curso livre ou técnico, podendo atuar no campo jurídico, analisando Linguisticamente, por exemplo, chamadas de emergência, pedidos de resgate, comunicações de ameaça, bilhetes de suicídio, cartas anônimas, verificação de plágio e toda linguagem de textos jurídicos como, testamentos, sentenças e estatutos, entre outras atribuições inerentes.

Para quem, ao termino de um curso de letras, desejar enveredar para esse fecundo campo profissional, a capacitação para tal aborda temas relacionados a atividade pericial envolvendo evidencias linguísticas. Um curso de preparação, melhor dizendo, capacitação para atuação, tem como público alvo profissionais com nível superior em Direito, Fonoaudiologia, entre outros, bem como, um graduado em Letras.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Dayane Celestino. **Atribuição de autoria textual com propósitos forenses: panorama e propostas de análise.** *ReVEL*, vol. 12. N.23, 2014.

AZZARITI, Mônica; DEUSDARÁ, Bruno; ROCHA, Décio. **Linguística Forense: saberes implícitos e imagens discursivas do perito em contexto de quesitação.** *ReVEL*. vol. 12, n. 23, 2014.

BAGNO, M. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz.** 31. ed. São Paulo: Loyola, (1988 e 2005).

BAKHTIN, M.; VOLOSHINOV, V. N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem.** Trad. de Michel Lahud e Yara F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 1988 [1929].

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em Língua materna.** São Paulo: Parábola, 2004. 108p.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e ortografia.** : Mercado de Letras.. São Paulo. **1999**, p. 61-96.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Análise fonológica: introdução a teoria e a prática com especial destaque para o modelo fonêmico.** São Paulo/ Campinas: Mercado de Letras. (2008).

CALDAS-COULTHARD, Carmen Rosa. **Na Escola: O que é a Linguística Forense?.** *ReVEL*, vol. 12, n. 23, 2014.

CALVET, L. **Sociolinguística: uma introdução crítica.** Trad. de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CEGALLA , Domingos Pachcoal. **Novíssima Gramatica de língua portuguesa.** Companhia Editora. São Paulo. 1998.

COLARES, V. **Linguagem & Direito: caminhos para Linguística Forense.** Editora Cortez. 2018.

COUGHLIN, Peter. **Plágio em Cinco Universidades de Moçambique: Amplitude, Técnicas de Detecção e Medidas de Controlo.** In: Cadernos IESE. nº 15. Maputo: IESE. (2015).

COULTHARD M. **Linguagem em evidencia.** Language in Evidence. Tools, version 4, Oxford: Oxford University Press. Searle. 2006.

COULTHARD, R. JOHNSON, M. **Uma Introdução à Linguística Forense: Linguagem na Evidência**. Londres e Nova York, Routledge. (2007).

CRYSTAL, D. **Um dicionário de Linguística e fonética**. 4 ed. Oxford: Blackwell, 1985.

CUNHA, Evandro. **Linguística forense pode ajudar a desvendar crimes**. Departamento de Ciências da Computação da UFMG, 2018. Disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/Linguistica-forense-pode-ajudar-a-desvendar-crimes>. Acesso em mar. de 2018.

DAMÁSIO, A.; DAMÁSIO, H.. **O Cérebro e a Linguagem**. Viver Mente & Cérebro Scientific American, Ano XIII, n. 143 – dez. 2004. Disponível em: http://www.psiquiatriageral.com.br/cerebro/cerebro_e_a_linguagem.htm. Acesso em: 09 de março de 2019.

DUBOIS, J. et al. **Dicionário de linguística**. São Paulo: Editora Cultrix. 8ª edição. 2001.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas /**. São Paulo: Parábola. Editorial, 2005.

FRÖHLICH, Luciane. **Linguística forense no Brasil**. 2016. Disponível em: <https://www.acheiusa.com/Noticia/ja-ouviu-falar-em-Linguistica-forense->. Acesso em mar. 2019.

GIBBONS, John. **Linguística Forense**. ReVEL, vol. 12, n. 23. Tradução de Paloma Petry, 2014.

GONZALES, Zeli Miranda Gutierrez. **Forense e a identidade de autoria em textos questionados**. Puc- SP. XXII Encontro Latino Americano de Iniciação. 2018.

HENRIQUES, Claudio Cezar. **Nomenclatura gramatical brasileira**. São Paulo: Parábola Editorial. 2009.

HOUAISS. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva. (2009).

JUOLA, P. **Authorship Attribution. Foundations and Trends in Information Retrieval**,1 (3), 233–334, 2006.

KLEIN, C. **Perfilador Criminal (Profiling)**. 2017. Disponível em: <https://tianeklein.jusbrasil.com.br/artigos/488982853/perfilador-criminal-profiling>. Acesso em fev. de 2019.

LOVE, H. **Attributing authorship: an introduction**. Cambridge: Cambridge University, 2002.

MARQUILHAS, Rita, CARDOSO, Adriana. **O estilo do crime- análise de texto em estilística forense**. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/CLUL. 2011.

NOGUEIRA, Sergio. **Significado e palíndromo**. (2013). Disponível em: <http://g1.globo.com/educacao/blog/dicas-de-portugues/post/conheca-o-significado-da-palavra-palindromo.html>. Acesso em mar. De 2018.

McMENANIN, G. R. **Forensic stylistics: theory and practice of forensic stylistics**. In: COULTHARD, M.; JOHNSON, A. (eds.). *The Routledge handbook of forensic linguistics*. London; New York: Routledge, 2007.

MENDES, Lamartine Bizaro **Documentoscopia**. 3ª ed. Campinas/SP: Millennium, 2010.

MOITA LOPES, L. P. (Org.) **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MULLER, D. A. (2010). **Criminal profiling: Real science or just wishful thinking?** *Homicide Studies*, 4(3), 234-264.

OLIVEIRA, Ana Maria, ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.) **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande: Editora UFMS, 1998.

OLIVEIRA, Francisco da Costa. **A defesa e a investigação do crime: guia prático para a análise da investigação judiciária e para a investigação pelos recursos próprios da defesa criminal**. 2 ed. Lisboa: Almedida, 2008.

RAPAMZZO, Lino. **Metodologia Científica para alunos de graduação e pós-graduação**. 3 ed. Edições Loyola. SP. 2005.

REIS, Albani Borges dos. **Metodologia científica em perícia criminal**. 2ªed. Campinas/SP: Millennium Editora, 2011.

ROCHA, Anderson. **Forense digital**. Universidade de Campinas, 2014.

SEARA, Izabel Christine. **Fonética e Fonologia do Português Brasileiro**. Florianópolis. 2011.

SILVA, José Geraldo. **O inquérito policial e a polícia judiciária**. 4ªed. Campinas/SP: Millennium Editora. (2002).

SILVA, Caio Mário. **Instituições de Direito Civil**. Minas Forense, vol. 24. Rio de Janeiro, 1997.

TIMBANE, Alexandre. **A Linguística Forense: Um Desafio Para a Investigação Criminal no Século XXI**. Vol. 03, Nº 07, Ano II. 2016.

TORRES, Felipe. **Série Manhunt: Unabomber, da Netflix, narra história real de terrorista norte-americano**. Diário de Pernambuco, 2018. Disponível em: http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2018/01/04/internas_viver,736906/serie-manhunt-unabomber-da-netflix-narra-historia-real-de-terrorist.shtml. Acesso em abr., 2018.

VIOTTI, Evani de Carvalho. **Introdução aos Estudos Linguísticos**. Florianópolis, 2008.